

A CANDELARIA

Soam festivamente, ao longe, os sinos do sumptuoso templo, convidando os fieis á celebração da tradicional cerimonia das Candeias. Chove a cantaros, e como o dia é tambem da Purificação, aproveitemo-lo accendendo, em honra á Virgem, pequena luzerna, para, através dos tempos, procurar a verdade sôbre a fundação do sanctuario da Candelaria, expurgando erros, contra os quaes protesta a verdadeira topographia do Rio de Janeiro velho. Nenhum templo desta cidade tem sido por mais vezes descripto, já em excellentes monographias, já em artigos de jornaes e de revistas, e até hoje não tem sido possivel fixar a data em que Antonio Martins da Palma, saltando no Rio de Janeiro, depois de escapo milagrosamente de horriavel tempestade, deu LOGO cumprimento ao voto de fundar uma capella na primeira terra a que abicasse. Refere a lenda haver sido a ermida construida no lugar, onde deu á costa uma não, cujas madeiras foram aproveitadas.

Dizem uns que o voto fôra feito sómente por Palma e que este se casára, no Rio de Janeiro, com Leonor Gonçalves, muitos annos depois, sendo esta filha de Gonçalo Gonçalves, o velho, e ermã de Gonçalo Gonçalves, o moço. No geral é assignado

o anno de 1630 para o cumprimento da promessa. Dizem ter tido, em principio, a ermida a frente para a rua hoje de S. Pedro, depois para a rua hoje General Camara, e finalmente para a rua da Candelaria. Historiador houve que assegurou estar situada a capella nos fundos ou quintaes da residencia de Palma, e que a casa das tumbas, pertencente á Misericordia, estava do lado da rua General Camara! Ha atê, no corpo da egreja, um grande painel (de alto valor artistico) representando a primitiva ermida da Candelaria, em 1630, á beira da praia. Ninguém, porem, lançou maior confusão sôbre o assumpto do que o operoso escriptor o finado Felix Ferreira, quando em artigos publicados no *Jornal do Commercio* escreveu a historia da Misericordia. O illustre historiographo, em dias de 1900, reduziu a livro essas publicações; mas delle tirou a narrativa sôbre a Candelaria, a qual, como é sabido, foi cedida, em 1639, á Misericordia quando Palma se desgostou por ver sua capella elevada á categoria de segunda parochia desta cidade.

Queremos crer reservasse Felix Ferreira para um segundo volume a materia em questão, quando a morte o colheu! Entretanto teve elle á sua disposição o vasto e farto archivo da Sancta Casa, escapo felizmente á destruição feita pelos Francezes em 1711. Si nesse archivo faltam os primeiros livros destruidos pelo cupim e pela humidade, lá está perfeitamente conservado o 1º Livro do Tombo (1620-1676), do qual o distincto excavador poderia tirar melhor partido, si o consultasse com attenção e paciencia.

Levados pelo desejo de conhecer a antiga topographia do Rio de Janeiro, obtivemos permissão do finado conselheiro Paulino para consultar os antigos livros da antiga e benemerita instituição. Tirámos alguns apontamentos sôbre a Candelaria, os quaes, si não resolvem de todo o problema, servirão para destruir inverdades, que não devem ter curso.

Mais depressa do que se pensa, os primeiros povoadores do Rio de Janeiro, armados de muita fôrça de vontade, abandonando o morro do Castello, ou de S. Januario, se estenderam pela *varzea* enxugando pantanos, abrindo ruas e cavando vallas para excoamento das aguas, que desciam dos morros.

Disso nos dão testemunho frei Vicente do Salvador e varios outros chronistas.

A população concentrou-se a principio no antigo bairro da Misericordia; mas, em breve, invadiu toda a extensão da praia desde as portas da cidade (becco da Musica), até São Bento. Nem seja para admirar esse resultado com uma população relativamente diminuta: cada qual pedia por sesmaria uma grande zona de terreno, levantava á beira das ruas habitações de taipa

de mão ou de pitão, deixando entre umas e outras grandes quintaes ou chacaras separadas da via pública por extensas cêrcas.

Dos fins do século 16º, e princípios do século 17º, temos encontrado escripturas de casas, nas ruas de Aleixo Manuel (hoje Ouvidor), de André Dias (Rosario), Diogo de Brito (Alfandega), Gonçalo Gonçalves ou do Azeite de Peixe (General Camara), Quitanda (Direita detraz), Serafim de Andrade (Violas), Pescadores, e em toda a linha da praia (Misericórdia e Direita).

Ha, por exemplo, no *Archivo Municipal*, tomo 3º, uma escriptura de casas compradas em 1609, na rua do Açougue — mais tarde Quitanda, no cruzamento com a actual da Assembléa (Caminho para S. Francisco, rua de Marcos da Costa e Cadeia). Só no fim da rua Direita penetrava o mar na direcção da actual rua Visconde de Inhaúma, formando além do sitio de Valverde, a chamada Ilha Sêcca.

Naquella parte estava o forte da Candelaria. Podemos, pois, asseverar: em 1630 não podia ser fundada a Candelaria á beira do mar; porquanto todo o quarteirão entre as ruas do General Camara e S. Pedro até á da Quitanda já estava beneficiado, como adeante veremos. Em 1630, estava Palma farto de residir no Rio de Janeiro, e, segundo nos parece, havia dado cumprimento á promessa, em annos anteriores a 1613. De facto, em 16 de Setembro desse anno figura elle como piloto, na medição por parte dos Jesuitas, das terras da fazenda de Sancta Cruz, doadas pela marquezia Ferreira, viuva de Christovão Monteiro, medição não terminada por haver o mesmo Palma adoecido de uma perna. Em 2 de Abril de 1613 obtinha por sesmaria 2.000 braças de frente e 1.000 de sertão, em Irajá, como vemos na Relação de Sesmarias feita por monsenhor Pizarro e publicada no tomo 63º, 2ª parte, da «*Revista do Instituto Historico.*» Em 1617 figura Martins da Palma como 7º ministro da Ordem Terceira da Penitencia. Demais, a existencia em 1623 de um forte da Candelaria, do qual foi capitão Alvaro de Mattos, casado com Martha Figueira, herdeiros de Palma, os quaes figuram na escriptura de 1639, quando aquelle transferiu á Misericórdia seus direitos sôbre a Candelaria, além de tudo, nos dava probabilidades de ser erronea a data acceita por Pizarro e de todos quantos o têm seguido.

Em 1630 já estava fundada a Candelaria; porquanto em 12 de Março desse anno Beatriz Gonçalves, viuva de Manuel Fernandes Lessa, deu por esmola á Misericórdia casas sitas: NA RUA QUE VAE PARA CANDELARIA, PARTINDO com Simão Lopes e com a rua que vai para as casas de Diogo da Costa.

Em 18 de Março de 1622 a Misericórdia, por 260\$, comprou a Matheus de Leão e sua mulher Antonia Vareira casas terreas de taipa de mão, que estão na rua Direita, partindo de uma banda com Lucas Francisco e da outra com chãos de Francisco Dias da Luz e da parte dos quintaes com as CASAS DE ANTONIO MARTINS DA PALMA. Estas estavam na actual rua da Candelaria, em frente á igreja, cujo frontespicio teve desde o principio o mesmo eixo. Quem no-lo affirma é Gonçalo Gonçalves o moço, que em seu testamento feito em 30 de Julho de 1643, diz claramente: «*tenho uns chãos com casas terreas velhas, o qual chão começa das casas de ANTONIO MARTINS DA PALMA QUE ESTAM DEFRENTE DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DA CANDELARIA.*» Ora, as casas velhas a que allude Gonçalo estavam no canto das ruas da Candelaria e General Camara da parte do mar e confinavam pela frente com outras propriedades a elle pertencentes, no lado par da rua hoje do General Camara até o canto do Azeite de Peixe, onde o testador residia. Do outro lado, hoje impar, possuia elle tambem mais cinco casas, e é por isso que a rua depois de ser conhecida por travessa do Azeite de Peixe passou a ser denominada de Gonçalo Gonçalves e mais tarde, do Sabão Velho, Cruz da Candelaria, dos Escrivães, etc.

Quer-nos parecer, salvo êrro, que Palma antes de 1613, obteve sesmaria na rua da Candelaria (aberta em terras delle e de seu vizinho G. Gonçalves o moço), construiu a capella em frente á sua residencia e não nos fundos de quintaes.

No canto de cima possuia G. Gonçalves duas propriedades terreas cedidas por elle á Misericórdia em 4 de Julho de 1639, com frente para a rua hoje do General Camara, e *cujos quintaes entestavam com a parede da igreja*, sendo uma dellas comprada a Affonso Ramos e a outra a diversos proprietarios. Foram ellas derrubadas, quando houve necessidade de alargar a rua, como perfeitamente provou o dr. Pinheiro, sendo o terreno cedido á Camara com clausulas especiaes.

A vista do exposto podemos assegurar que a frente da primitiva capella foi sempre na actual rua da Candelaria, muito mais estreita em tempos antigos. Quando não bastassem esses factos, ha ainda no livro do Tombo da Misericórdia o accôrdo entre a administração da Sancta Casa e o vigario da Candelaria. Nesse documento de 1651, menciona-se claramente a porta travessa do lado da rua depois de Antonio Vaz Viçoso; falla-se nos terrenos da banda da rua de G. Gonçalves e, o que é mais, na *porta principal do primitivo templo* na mesma direcção que tem hoje.

Entretanto Felix Ferreira no final do seu artigo sustenta ser a porta travessa situada do lado da rua do Sabão, quando querendo dar quinão no consciencioso e illustrado dr. Marques Pinheiro, se esqueceu da escriptura de 1837, pela qual se prova ter a Misericordia vendido uma pequena casa da rua de S. Pedro, onde, para garantia de seus direitos, conservava uma velha tumba. Essa escriptura com todas as declarações está transcripta, e nós a lemos em competente livro do Archivo da Misericordia.

Censurando ainda o dr. Pinheiro, pretendeu Felix Ferreira sustentar que o nome do prelado do Rio de Janeiro e de seus descendentes devia ser escripto sempre Maris, e não Marins. Nos proprios livros da Sancta Casa esse appellido está escripto indifferentemente. *Marins* está impresso na Memoria de Norberto de Sousa Silva sobre o Aldeamento dos Indios do Rio de Janeiro, nas escripturas de cessão de terras feitas a Arariboia por Antonio de Marins, em São Lourenço.

Mais um reparo ao trabalho de Felix Ferreira. Pela coincidência de appellidos, sustenta ser Leonor Gonçalves esposa de Palma e ermã de G. Gonçalves o moço, filhos, ambos de Gonçalo Gonçalves, o velho. Este porém no testamento com que falleceu, em 1620, declarou, porém, peremptoriamente ser solteiro e não ter filhos. Não poderiam Gonçalves o moço e Leonor ser sobrinhos de Gonçalo o velho? E porque na escriptura de cessão feita á Misericordia por Palma e sua mulher Leonor não se apresentou, cedendo de seus direitos a Gonçalves o moço, que só falleceu em 1648, e sim a Alvaro de Mattos e sua mulher, parentes mais afastados dos dous doadores, como consta da respectiva escriptura?

Outra inexactidão que, á vista do exposto, não tem cabimento: em um dos antigos relatorios da Irmandade do Sacramento da Candelaria assevera-se que a primitiva capella foi fundada nos chãos dos actuaes predios ns. 21 e 23 da rua de S. Pedro. Tendo ficado provado que o frontespicio do templo era na rua da Candelaria um pouco mais á frente, por fôrça do recuo da rua, nunca a capella de Palma poderia chegar á altura dos prédios referidos.

Pondo em contribuição os valiosos documentos appensos ao trabalho do illustrado dr. Marques Pinheiro, vemos que na direcção desses dous prédios devia existir ou a capella de S. Pedro fundada por Pedro Martins Negrão, onde foi em 1711 sepultado Duclerc, ou então a casa das *tumbas*, a qual como sabemos, tinha 18 palmos de fundo e 24 1/2 de largo, havendo até á porta travessa 54 1/2 palmos de área, occupados pelas sepulturas da fábrica.

Na frente dessa área estava *juncto á egreja*, com frente para a rua da Candelaria, a casa de Manuel Gonçalves da Cruz, sôbre a parede da qual a Misericórdia permittiu ao vigario fizesse em 1710 uma escada para ir á torre dos sinos.

A esquina da rua da Candelaria e da rua de S. Pedro foi conhecida por muito tempo pelo canto de João Mendes, o caldeireiro, antepassado do poeta Antonio José.

A rua de S. Pedro foi tambem conhecida como rua de Antonio Vaz Viçoso, que em 1642 obteve terras de sobejos em Campo Grande, e mais tarde denominada do licenciado Antonio Carneiro.

No tempo de d. João V foi a Candelaria escolhida para assento da Sé, e para as necessarias obras foram decretados 20.000 cruzados. Segundo lemos em livro da Misericórdia esta protestou, e o rei em 1733 ordenou a transferencia da Cathedral para a egreja da Cruz dos Militares.

Para terminar estas simples notas escriptas á pressa, diremos alguma cousa sôbre a criação da parochia da Candelaria. Na falta das primeiras folhas do livro de baptismos dessa freguezia, Pizarro e outros historiadores adoptam como provavel a data 1634, dando como primeiro paroco o padre Pablo Santi.

Não será este o mesmo que figura em 1630 em uma reunião de sacerdotes com o nome de Paulo Sancho, como está em uma memoria impressa no 2º tomo da «Revista do Instituto», anno de 1840?

No testamento de G. Gonçalves o moço, feito em 30 de Julho de 1643, allude aquelle ao testamento de sua esposa Maria Gonçalves, que legara ao Sanctissimo Sacramento da Candelaria um predio, *para o azeite da lampada*. No livro 1º do Tombo da Sancta Casa não existe por extenso o testamento de Maria, mas sim o traslado feito pelo escrivão Diogo de Sá da Rocha, de uma verba sôbre um predio na rua hoje Primeiro de Março. Esse traslado foi feito em 30 de Julho de 1634; quer isto dizer que nesse tempo já estava creada a freguezia.

Esses assentamentos eram feitos, ás vezes, muito depois da abertura dos testamentos. Além dessa circumstancia devemos notar que entre a criação de uma parochia e sua definitiva inauguração medeavam dous a quatro annos. Isso não é difficil de provar.

Parece-nos, pois, salvando sempre melhor juizo, que a parochia foi creada talvez em 1630 ou mesmo em 1628, como pretende o tenente de bombeiros Antonio Duarte Nunes, no seu Almanak

Historico, impresso no tomo 21º da *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*.

4 de Fevereiro de 1902.
